

"Esta fábula sobre o poder da música
é arrebatadora como uma bela melodia."

People

MITCH ALBOM

AS
CORDAS
MÁGICAS





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

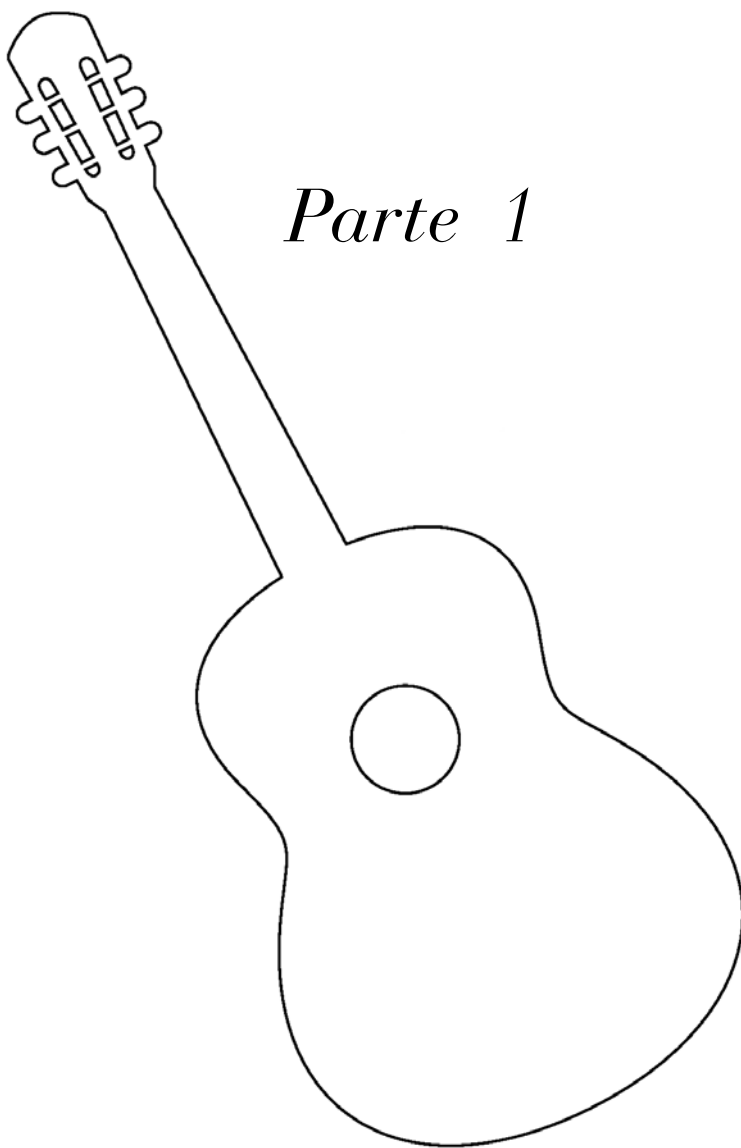
Para meu tio Mike, o primeiro de muitos
músicos em minha vida que me fizeram dizer:

“Quero tocar *assim*.”

Essa é para todos os meninos que apareciam
Carregando violões delicados em estojos de papelão
A noite inteira
E você se pergunta: para onde foram esses meninos?

— PAUL SIMON

No original: *Here's to all the boys who came along/Carrying soft guitars in cardboard cases/
All night long/And do you wonder where those boys have gone?*



Parte 1

1



VIM BUSCAR MEU PRÊMIO.

Ele está ali dentro do caixão. Na verdade, já é meu. Mas um bom músico aguarda respeitosamente até as notas finais serem tocadas. A melodia desse homem acabou, mas os que estão de luto por ele vieram de muito longe acrescentar umas poucas estrofes. Uma espécie de coda, de conclusão.

Vamos ouvir.

O céu pode esperar.

Eu assusto você? Não deveria. Não sou a morte. Um ser encapuzado, fedendo a putrefação? Como diriam os jovens: *me poupe*.

Tampouco sou o Grande Juiz que todos vocês temem no final. Quem sou eu para julgar uma vida? Estive entre os maus e os bons. Não proponho veredito para os erros que este homem cometeu nem avalio suas virtudes.

Sei coisas boas sobre ele: os feitiços que teceu com seu violão, as multidões que encantou com sua voz grave e sussurrada.

As vidas que mudou com suas seis cordas azuis.

Eu poderia compartilhar tudo isso.

Ou poderia descansar.

Sempre reservo tempo para descansar.

Você me acha afetada? Às vezes sou. Também sou meiga e tranquilizadora, dissonante e irada, difícil e simples, calmante como areia a escorrer e perfurante como uma alfinetada.

Sou a Música. E estou aqui pela alma de Frankie Presto. Não toda ela. Só a porção muito grande de mim que ele pegou quando veio a este mundo. Por mais bem utilizada que eu seja, sou um empréstimo, não uma posse. Você me devolve ao partir.

Vou recolher o talento de Frankie para espalhar por almas recém-nascidas. E farei o mesmo com o seu algum dia. Existe um motivo para você

dar uma olhadinha para o alto quando ouve uma melodia pela primeira vez ou bater o pé ao som de uma percussão.

Todos os humanos são musicais.

Por que outro motivo o Senhor daria a vocês um coração pulsante?

☞ Claro que alguns de vocês recebem mais de mim do que outros. Bach, Mozart, Tom Jobim, Louis Armstrong, Eric Clapton, Philip Glass, Prince – para não citar muitos. Senti, quando cada um deles nasceu, suas mãozinhas vindo a mim, me agarrando. Vou contar um segredo: é assim que os talentos são concedidos. Antes de os recém-nascidos abrirem os olhos, fazemos um círculo ao redor deles, aparecendo como cores brilhantes, e, quando fecham as mãozinhas pela primeira vez, na verdade estão agarrando as cores que acharam mais atraentes. Aqueles talentos ficam com eles pela vida toda. Os sortudos (na minha opinião, claro) me escolhem. Música. Dali em diante, vivo dentro de cada cantarolar e assobio, de cada corda dedilhada ou tecla de piano pressionada.

Não posso manter você vivo. Careço de tal poder.

Mas *impregno* você.

E, sim, impregnei o homem no caixão, meu misterioso e incompreendido Frankie Presto, cuja morte no momento em que se apresentava em um festival foi testemunhada pela multidão que lotava a plateia, o corpo ascendendo até as vigas antes de cair no palco, uma casca sem vida.

Aquilo causou um rebuliço e tanto. Hoje, ao se reunirem nessa basílica centenária para o funeral, as pessoas ainda perguntam: “Quem matou Frankie Presto?” Porque ninguém, dizem elas, morre daquele jeito por si.

Isso é verdade.

☞ Você sabia que o primeiro nome dele era Francisco? Os empresários tentaram esconder. Acreditavam que “Frankie” era mais palatável para os fãs americanos. Do jeito que as garotas gritavam nos shows – “*Frankie! Eu te amo, Frankie!*” –, suponho que estavam certos. Nomes curtos são mais adequados para a histeria. Mas você não pode mudar seu passado, não importa quanto elabore seu futuro.

Francisco era seu nome verdadeiro.

Francisco de Asís Pascual Presto.

Gosto desse nome.

Eu estava lá na noite em que lhe foi dado.

☞ É verdade. Conheço os detalhes desconhecidos do nascimento de Frankie Presto, aqueles que historiadores e críticos de música – e até ele mesmo – sempre rotularam como um mistério.

Posso contar se você quiser.

Isso o surpreende? Minha sugestão de começar com uma história tão cobiçada? Bem, por que adiar? Não sou um dos talentos “lentos”, como o Raciocínio ou a Matemática. Sou a Música. Se o abençoou com o dom de cantar, você já consegue cantar na primeira tentativa. Composição? Minhas melhores frases residem, em geral, nas notas de abertura. *Eine kleine Nachtmusik* – *Dum, da-dum, da-dum da-dum da-dum* –, de Mozart? Ele desatou a rir quando tocou aquilo no pianoforte. Levou menos de um minuto.

Você quer saber como Frankie Presto veio a este mundo?

Vou contar.

Simple assim.

☞ Aconteceu aqui na Espanha, em Villarreal, uma cidade próxima ao mar, fundada por um rei há mais de sete séculos. Prefiro começar com uma fórmula de compasso; por isso, vamos fixar em agosto de 1936, num tempo errático de 6/5, pois era um período sangrento da história do país. Guerra civil. Uma coisa mencionada aos sussurros como El Terror Rojo – o Terror Vermelho – estava chegando às ruas e, mais especificamente, àquela igreja. A maioria dos padres e freiras já tinha fugido para a zona rural.

Lembro bem daquela noite. (Sim, tenho memória. Sem membros, mas com uma memória infundável.) O céu trovejava, a chuva martelava no calçamento. Uma jovem gestante entrou apressada para rezar pelo filho que carregava. Seu nome era Carmencita. Era esguia, com maçãs do rosto salientes e farta cabeleira ondulada, da cor de uvas pretas. Acendeu duas velas, fez o sinal da cruz, colocou as mãos sobre a barriga protuberante e dobrou-se ao meio de dor. O trabalho de parto havia começado.

Ela gritou. Uma jovem freira com olhos cor de avelã e dentes separados veio correndo e ajudou-a a se levantar.

– *Tranquila* – disse a freira, com as mãos em concha envolvendo o rosto de Carmencita. Porém, antes que a mulher pudesse ir para o hospital, as portas da frente foram arrombadas.

Os invasores haviam chegado.

Eram revolucionários e milicianos em fúria contra o novo governo. Tinham vindo destruir a igreja, como estavam fazendo por toda a Espanha. Estátuas e altares eram profanados, santuários eram reduzidos a cinzas, padres e freiras eram assassinados em locais sagrados.

Quando um horror desses acontece, as novas vidas, chocadas, deviam deter-se. Mas não. Nem a alegria nem o terror adiam um nascimento. O futuro Frankie Presto não tinha conhecimento da guerra do lado de fora do ventre de sua mãe. Ele estava pronto para fazer sua entrada.

E eu idem.

A freira apressou Carmencita, levando-a, por uma escada secreta construída séculos antes, até uma câmara oculta. Enquanto os invasores destruíam a igreja lá embaixo, ela deitou a mãe de Frankie sobre um cobertor cinza num canto iluminado por velas. As duas mulheres respiravam rápido, criando um ritmo: inspira, expira.

– *Tranquila, tranquila* – murmurava a freira.

A chuva golpeava o telhado como um malho. Os trovões eram como timbales. No térreo, os invasores ateavam fogo ao refeitório e as chamas crepitavam como centenas de castanholas. Os poucos que não haviam fugido da igreja davam guinchos suplicantes, revidados pelas ordens rosnadas daqueles que cometiam as atrocidades. Os graves e agudos das vozes, o crepitar do fogo, o açoitar do vento, o tamborilar da chuva e o tonitruar dos trovões criavam uma sinfonia irada, turbilhonando em um crescendo. No momento em que os invasores escancararam a tumba de São Pascoal, prestes a profanar seus ossos, os sinos no alto da basílica começaram a badalar, fazendo com que todos erguessem o olhar.

Naquele exato instante, Frankie Presto nasceu.

As mãozinhas dele me agarraram.

E ele pegou um pedaço de mim.

☞ Será que estou caprichando nessa narrativa? Devo considerar a composição. Uma coisa é contar a história de um nascimento, outra bem diferente é contar a vida inteira.

Vamos deixar o caixão e ficar um pouco lá fora, onde o sol matinal faz as pessoas semicerrarem os olhos ao saírem dos carros, estacionados ao longo de ruas estreitas. Até agora poucas chegaram. Deveria haver muito mais

gente. Pelas minhas contas (que são sempre exatas), Frankie Presto tocou com 374 bandas durante seu tempo na Terra.

Era de se imaginar que este seria um funeral concorrido.

Mas a verdade é que todo mundo entra numa banda nesta vida. Mas só alguns tocam música. Frankie, meu discípulo precioso, era mais do que um violonista, mais do que um cantor, mais do que um artista famoso que ficou sumido por boa parte de sua existência. Quando criança, sofreu enormemente e, por causa desse sofrimento, foi-lhe concedida uma dádiva. Um conjunto de cordas que lhe deu o poder de mudar vidas.

Seis cordas.

Seis vidas.

Por essa razão, suspeito eu, essa despedida poderia revelar-se interessante. E por isso ficarei para ouvir os enlutados falarem – a notável sinfonia de Frankie, tocada por aqueles que o conheceram. Tem também a questão de sua estranha morte e da figura sombria que o seguia pouco antes.

Quero ver isso resolvido.

A música anseia por resolução.

Mas, no momento, devo descansar. Tantas notas já compartilhadas... Está vendo aqueles homens nos degraus da igreja, fumando cigarros? O de chapéu-coco de tweed? Ele também é músico. Trompetista. Já teve dedos ágeis, mas agora está velho e luta com a doença.

Escute-o por um momento.

Todo mundo entra numa banda nesta vida.

Frankie esteve na banda daquele homem em certa ocasião.

Marcus Belgrave

*Trompetista de jazz da Marcus Belgrave and His Quintet;
banda de Ray Charles; músico acompanhante de McCoy Tyner,
Dizzy Gillespie, Ella Fitzgerald e outros*

ME EMPRESTA O FOGO AÍ... HUM... HUM... OBRIGADO...

Não, não acredito nisso também. Ninguém morre assim. Mas estou dizendo, Frankie estava metido em alguma parada estranha, magia, vodu, alguma coisa. Nunca contei essa história para ninguém, mas juro que é verdade.

Estávamos tocando num clube lá em Detroit, por volta de 1951 ou 1952, na parte da cidade que chamavam de Black Bottom. Tinha um monte de clubes legais por lá, mas, depois da guerra, ficou bem perigoso.

Enfim, estávamos tocando numa sexta-feira à noite, quatro sessões – oito, dez, meia-noite e duas da manhã –, e Frankie estava conosco, um adolescente esquelético que tocava violão. Foi bem antes de ele gravar hits ou mesmo de começar a cantar. Cara, eu nem sabia o sobrenome dele. Era só “Frankie”. Ele não deveria estar ali, por causa da pouca idade, mas não pediu dinheiro algum, e para o dono do clube ele tinha 21 anos, entende? Deixamos ele sentar no fundo, longe dos holofotes, com a cabeleira negra balançando nas sombras. No fim da noite, ele descolou um prato de frango grátis e a gente, um violonista grátis.

Eu sei, eu sei, já vou chegar lá. Como falei, o lugar era meio baixo nível, cheio de maus elementos. A certa altura, tocávamos “Smokehouse Blues” e podíamos ver um grandalhão barbudo sentado num canto com uma loura bonita, novinha e muito maquiada, talvez tentando parecer mais velha.

Bem, algo deve ter acontecido, porque de repente o barbudo pulou da cadeira, que voou para trás, empurrou a garota contra a parede e botou uma faca na garganta dela. Parecia estar estrangulando a menina, berrando, chamando-a de tudo que era tipo de nome. Tilly, nosso pianista, correu

porta afóra – porque ele era assim, costumávamos chamá-lo de “Tilly Não-Quer-Problemas” –, mas o resto de nós ficou lá, tocando *riffs* com aquele olhar congelado, do tipo que não quer ver mas não consegue desviar os olhos. Era quase como se, caso a gente parasse de tocar, o barbudo fosse matar a garota. Ele berrava e agitava a fãca enquanto ela sufocava, e ninguém fazia nada porque o cara era *grande*.

De repente, Frankie saltou para a frente do palco e começou a tocar bem alto e rápido. Tocava tão bem que as pessoas não sabiam para onde olhar. Frankie berrou “Ei!”, e o barbudo olhou e rugiu alguma coisa, totalmente bêbado. E Frankie tocou mais rápido. Eu, Tony e Elroy tentamos acompanhar, mas ele estava fora de si, os dedos se moviam como se possuídos.

– Ei! – berrou Frankie de novo.

Ele tocava como um raio, e ainda assim cada nota era limpa e precisa. E não é que o cara se virou e apontou a fãca para Frankie, como se estivesse aceitando o desafio?

– Mais rápido – resmungou o barbudo.

Frankie então acelerou. Algumas pessoas começaram a urrar, como se fosse um jogo. E aí Frankie parou de tocar “Smokehouse” e começou “Flight of the Bumblebee”, daquela ópera russa, sabe? Fiquei tentando achar as notas no trompete e Elroy bateu o pedal tão forte que a droga do pé dele quase saltou fora.

– Mais rápido! – berrou o cara de novo.

E lá estávamos nós, pensando que, por Deus do céu, ninguém conseguiria tocar mais rápido que aquilo, quando, antes mesmo de terminarmos o pensamento, Frankie acelerou de novo, os dedos correndo pelas cordas tão ligeiro que eu jurava que um bando de marimbondos ia sair voando daquele violão. Ele nem olhava para as mãos. Olhava fixamente para aquele cara, os lábios entreabertos, o cabelo caindo por cima da testa, e então todos batiam palmas, tentando seguir o ritmo da batida de Elroy. Frankie começou aquela corrida à extremidade do braço do instrumento, até os trastes mais altos, e o barbudo foi se aproximando, hipnotizado, chegando mais perto para ver melhor. Frankie logo estava vidrado na garota de batom e ela nele, e, quando ele sacudiu a cabeça, ela saiu correndo feito uma bala em direção à porta.

Naquele momento, todo mundo dentro do lugar urrava – como a multidão costuma fazer nos grandes shows – e o moleque apertava os lábios nas

notas mais altas, soando superagudo e perfeito; o barbudo na beira do palco estava fascinado, e Frankie apontou o braço do violão direto para ele, como uma espécie de metralhadora – Rá-tá-tá-tá-tá-tá –, e então terminou. Fim. Ele girou o violão sobre a cabeça e o local inteiro foi à loucura, resfolegando feliz e comentando coisas do tipo “Aquele garoto toca muito” e “Ainda bem que ninguém morreu”.

Frankie imediatamente desembestou porta afora, no encalço da garota.

Mas foi aí que a coisa aconteceu.

Olhei para o violão, e uma das cordas ficou azul. Juro. Azul como o miolo de uma chama.

Pensei comigo mesmo: “Não sei de onde veio esse moleque. Talvez nem queira saber.”

2



BEM. VOU DIZER A VERDADE.

Aquela lourinha teria morrido se Frankie não tivesse feito o que fez. Mas ele era jovem demais para entender essas coisas, ou até mesmo para saber que possuía tal poder...

Desculpe-me.

Psiu, aqui em cima.

No parapeito.

Eu estava escutando um rádio tocar “Heart of Glass”, da Blondie, no beco atrás da igreja. Já notou como a música soa diferente quando tocada ao ar livre? Um violoncelo num casamento em um jardim, um órgão num parque de diversões à beira-mar...

Isso é porque eu nasci ao ar livre, no quebrar das ondas do oceano e no assobiar das tempestades de areia, no crocitar das corujas e no piar de alguns pássaros. Eu viajo nos ecos. Cavalgo a brisa. Fui forjada na natureza, robusta e bruta. Os homens apararam minhas arestas apenas para me deixar mais bonita.

E deixaram. É verdade. Mas, ao longo da jornada, fizeram suposições, como a de que quanto mais silencioso o ambiente, mais pura eu sou. Bobagem. Um de meus discípulos, um saxofonista magricelo chamado Sonny Rollins, tocou seu sax por três anos numa ponte de Nova York, suas ternas melodias de jazz flutuando em meio ao ruído do tráfego. Eu sempre dava uma parada por ali, nas vigas, só para ouvir.

Ou meu amado Frankie, nascido em meio à cacofonia de sinos badalando e à destruição clamorosa. Lembra daquela noite dentro da igreja em chamas? Carmencita, a mãe de Frankie, precisou impedir o filho recém-nascido de chorar para que não fossem descobertos pela milícia assassina. Assim, deitados juntos em um cobertor cinza, ela sussurrou uma canção

no ouvido dele. Era uma melodia do passado, muito conhecida na cidade de Villarreal, escrita por um de seus filhos nativos, meu brilhante violonista Francisco Tárrega. Carmencita cantarolou de modo impecável, como nenhuma canção jamais fora cantarolada, as lágrimas caindo de suas bochechas sobre a pele do recém-nascido.

O bebê não chorou.

Ainda bem, porque em questão de minutos os invasores chegaram ao altar principal, e era possível ouvi-los destruindo tudo lá embaixo. Estavam se aproximando e logo subiriam as escadas. A freira de olhos cor de avelã e dentes separados tremia. Ela sabia que a jovem mãe não podia ser deslocada, pois estava fraca demais. E havia sangue por toda parte.

Ela também sabia que os invasores matariam qualquer freira que descobrissem ali.

Ela recitou uma prece, tirou o hábito por cima da cabeça e apertou os dedos contra a chama das velas, apagando a luz.

– Silêncio – sussurrou.

Carmencita suspendeu a única melodia que cantaria para o filho.

A canção chamava-se “Lágrima”.

☞ Claro que tudo isso parece disparatado se você só conheceu Frankie Presto a partir de seus anos mais populares, no final da década de 1950 e início da de 1960, quando o chamavam de “o próximo Elvis Presley”. Ele fez discos que levaram a apresentações na televisão, shows barulhentos e uma foto icônica, em que aparece sorridente, com um casaco esporte marrom e camisa de colarinho rosa, inclinando-se para fora da janela de um carro para autografar a mão de uma morena bonita.

Aquela foto, usada pela revista *LIFE*, virou capa de seu álbum mais comercial, *Frankie Presto Wants To Love You*. O disco vendeu milhões de cópias e rendeu mais dinheiro do que Frankie seria capaz de imaginar nos tempos de infância nas ruas pobres de Villarreal, onde homens transportavam laranjas em carroças puxadas por cavalo.

Naquele estágio de sua vida, Frankie era um artista americano, com um empresário americano, e não havia vestígio de sotaque espanhol quando ele cantava. Até o violão fora relegado a segundo plano. As canções que o faziam cantar estavam, falando muito francamente, abaixo de seu talento.

Mas ainda não contei sobre o primeiro instrumento de Frankie, ou o cão

pelado, ou a menina na árvore, ou El Maestro, ou a guerra, ou Django, ou Elvis, ou Hank Williams, ou por que Frankie desapareceu no auge da popularidade.

Ou como ele morreu, alçando-se acima de uma plateia atônita.

A jornada de Frankie. Uma narrativa tão saborosa de compartilhar. Você demonstra interesse. Isso é tentador. Sempre sou tentada por uma plateia.

Os carros estão chegando. O sol está se erguendo sobre a cidade. O padre ainda está se vestindo em seus aposentos.

Temos tempo, suponho.

Então vamos direto ao ponto, como convém a um homem chamado Presto. Hoje algumas pessoas exclamam “presto” após um truque de mágica. Mas antigamente a palavra era usada por compositores para marcar meus andamentos mais velozes, vivazes, saltitantes e energizados. A expressão deriva do italiano e quer dizer “rápido”. *Presto*.

Também significa “pronto”.

Você está pronto?

Aqui está o resto da história de meu filho.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br